

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

COSMOVISÃO TEORREFERENTE: UM OLHAR SOBRE A CULTURA, A EDUCAÇÃO E A POLÍTICA

Theology Worldview: a look at culture, education and politics

Jucineuza de Alencar Pereira Chaves Cavalcanti¹

RESUMO

O presente artigo científico apresenta a cosmovisão teorreferente com base na Palavra como norteadora para transformação da humanidade. Os princípios bíblicos de viés absolutos divino são trabalhados com fins de impacto, mudanças e equilíbrio para a cultura, a educação e a política. É apresentada a origem e conceito da cosmovisão, além da diversidade de visões de mundo existentes e em conflito com a visão teorreferente. Também se aborda a ligação da cosmovisão em estudo com a esfera política e os conflitos gerados pela existência plural de propostas de vida, tendo como complementação um estudo de caso presente na experiência de Daniel na corte babilônica relatada nas Escrituras Sagradas.

Palavras-chave: Cosmovisão Teorreferente. Absolutos. Cultura. Educação. Política.

ABSTRACT

The present scientific article aims to present the theology worldview based on God and his Word as guiding for the transformation of humanity. Biblical principles of absolute divine bias will be worked on for the purpose of impact, change and balance for culture, education and politics. The origin and concept of the worldview will be presented, as well as the diversity of existing worldviews and in conflict with the theology view. It will also address the connection of the worldview under study with the political sphere and the

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão; Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade CEUMA; Pós-graduada em Docência no Ensino Religioso na Faculdades Batista do Paraná; Pós-Graduada em Educação Inclusiva pelo Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto; Pós-Graduada em Gestão da Educação pela Faculdade Alagoana de pesquisa, educação e Cultura FAPEC/FAT; Mestrado em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: jucineuzaalencar@gmail.com

conflicts generated by the plural existence of life proposals, complementing a case study present in Daniel's experience in the Babylonian court reported in the Holy Scriptures.

Keywords: Theology Worldview. Absolutes. Culture. Education. Politics.

INTRODUÇÃO

Este artigo científico parte da proposição de que a cosmovisão cristã, de base teorreferente, apresenta a única leitura de mundo verdadeira para a vida humana, por defender viés de absolutos e crença teísta² da humanidade. A mesma, encontra-se em conflito com várias cosmovisões presentes no mundo ao longo de sua história. A maneira como veem a história e a proposta de vida aqui na terra, e o que acontece após a morte, acaba gerando atrito com outras visões de leitura destas mesmas questões. James Sire em sua obra que apresenta esta variedade de visões de mundo em conflitos, descreve a proposta presente na Bíblia ao mencionar que “os cristãos contam a história da criação, queda, redenção, glorificação – história em que o nascimento, a morte e a ressurreição de Jesus representam a peça central. Os cristãos veem sua vida e a vida dos outros como minúsculos capítulos desse enredo principal”.³

Esta pesquisa pretende visualizar a presença e influência da cosmovisão teorreferente sobre a cultura, a educação e a política. Por visão de mundo teorreferente, Domingues conceitua como uma “visão que está centrada em Deus, ou seja, a referência de tudo e de todas as coisas vem de Deus”.⁴ Logo, seus ensinamentos presentes na mensagem revelada nas Escrituras Sagradas funcionam como base daquilo que Ele planejou e está a executar na humanidade.

Dentro dessa linha de raciocínio, este artigo trabalhará em seu seguimento questões específicas ao longo de sua construção. Na primeira sessão será abordado a origem da teoria da cosmovisão, onde será visualizado os processos da construção da mesma. A segunda sessão estará com a incumbência de apresentar a cosmovisão corruptível da humanidade. É da responsabilidade do terceiro capítulo trabalhar a questão da cosmovisão cristã e a educação. A quarta e última sessão abordará as lutas políticas presentes na sociedade, fruto do conflito de cosmovisões. A diversidade de cosmovisões será mostrada e um estudo de caso exemplificará um momento da história bíblica em que a visão de mundo teorreferente prevaleceu sobre a cultura e crença pagã da nação babilônica. Por fim, as considerações finais não implicarão encerrar o assunto em questão, mas abrirá possibilidades de novas pesquisas na área.

² O teísmo não ensina existir só o universo moral, mas também o **padrão absoluto** pelo qual todos os julgamentos morais são medidos. O próprio Deus – seu caráter de bondade (santidade e amor) – é o padrão. O teísmo cristão depende do conceito de Deus, pois o teísmo sustenta que todas as coisas são derivadas de Deus. O teísmo é uma cosmovisão completa. A grandeza de Deus é o princípio central do teísmo cristão (SIRE, James W. **O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão**. 5.ed. Brasília: Monergismo, 2018, p. 50, 54).

³ SIRE, 2018, p. 27.

⁴ DOMINGUES, Gleyds. **Diretrizes para a educação cristã bíblica: por uma nova proposta educacional**. Curitiba: Emanuel, 2018, p. 26.

1. DEFINIÇÕES PRÉVIAS E A ORIGEM DA TEORIA DA COSMOVISÃO

O ser humano é o que ele pensa, faz e sente. Assim, ele não está dissociado da realidade em que está inserido. Dessa forma, o pensar está atrelado a todo universo que o constituiu, aquilo que forma a identidade do sujeito, a história familiar, profissional, enfim, todo arcabouço cultural que se vivencia desde o nascimento.

Nesse sentido, a história da vida é construída atrelada a um universo de histórias, culturas e identidades, que se relacionam, se conectam, se constroem, se reinventam e se transformam. Dentro dessa concepção de inserção no espaço e tempo, e construção de uma visão de mundo pessoal desse indivíduo, Domingues coloca que seu conhecimento e leitura do mundo a sua volta “estão associados ao tempo, à cultura, às crenças, ao lugar, à história, ao grupo social e ao próprio contexto em que cada sujeito está inserido”.⁵

Assim, precisa-se compreender a complexidade da dinâmica histórica, social, cultural, teológica, educacional e sua relação com a vida pessoal e social, e que conseqüentemente interfere na forma que o ser humano se relaciona Deus e com o próximo na sociedade contemporânea. Ao refletir sobre a convivência social e a influência sobre o indivíduo, Goheen ressalta que “não podemos simplesmente optar por nos isolar da cultura ao redor: nossa vida está entretida em suas instituições, costumes, língua, relacionamentos e padrões sociais”.⁶

Nessa perspectiva, o ser humano busca ao longo de sua existência o sentido da vida. O mito do “sísifo”, escrito por Albert Camus em 1942, fala sobre a busca do significado da vida para que o ser humano se mantenha vivo e empenhado a uma causa que o mova. Com isso, a busca incessante pelo sentido, apazigua a alma humana, acalma e traz paz.

Na experiência bíblica, o “patriarca” Jó passa o tempo todo buscando o sentido do seu sofrimento. Essa dimensão humana esbarra na cosmovisão, pois a base da reflexão sobre cosmovisão está no sentido da vida, diz sobre o enigma da vida. No ponto 3, deste artigo apresenta-se Jó com um turbilhão de dúvidas para tentar entender sua luta, chegando até questionar a sua existência terrena e os propósitos de Deus sobre sua vida, como segue o texto.

Por que não morri eu na madre? Por que não expirei ao sair dela? Por que houve regaço que me acolhesse? E por que peitos, para que eu mamasse? Por que se concede luz ao miserável e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte, e ela não vem? Por que se concede luz ao homem, cujo caminho é oculto, e a quem Deus cercou de todos os lados? Por que em vez do meu pão me vêm gemidos, e os meus lamentos se derramam como água? (Jó 3:11-12, 20, 23-24).

Assim, toda a tentativa de resolver essa pergunta enigmática da humanidade está vinculada com a percepção, apreensão do mundo. Para Derrida, de visão logocêntrica, na busca de entender o sentido das coisas, os filósofos estavam preocupados com o logos, o

⁵ DOMINGUES, 2018, p. 20.

⁶ GOHEEN, Michael W. **Introdução à cosmovisão cristã**: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 31-32.

sentido, a razão das coisas. Os filósofos pós-socráticos estavam preocupados em desvendar a razão das coisas que existem no mundo.

O idealismo cartesiano mobiliza a comunidade intelectual da sua época sobre a reflexão de que os sentidos sensoriais não são confiáveis. Nesse âmbito, Descartes questiona as convicções sensoriais utilizadas para compreensão do mundo. Quando Descartes propõe essa reflexão, iniciam-se novas formas de pensar na antiguidade, da idade média e da modernidade, há uma mudança de pensamento sobre a leitura de mundo.

Assim, projeta-se no mundo aquilo que se percebe do mundo, que não necessariamente pode ser coerente, mas são frutos das percepções do ser humano, e cosmovisões, e isso é o idealismo. No século XVIII, em 1790, Immanuel Kant cunhou a expressão “Weltanschauung” (visão de mundo). Goheen coloca em sua obra que,

A palavra cosmovisão é a tradução do termo alemão “Weltanschauung” (visão de mundo) e foi usada pela primeira vez pelo filósofo iluminista Immanuel Kant em sua obra *Crítica da faculdade do juízo* (1790). Kant acreditava que cada ser humano aplica unicamente a razão a fim de chegar a uma “Weltanschauung” – uma compreensão do significado do mundo e de nosso lugar dentro dele.⁷

Partindo desta compreensão, pode-se perceber que ao longo da história as pessoas modificaram suas cosmovisões e influenciaram gerações com ideologias que permanecem influenciando em diversas áreas da sociedade contemporânea e as relações com a teologia, a educação e a política. Esta diversidade também tem provocado conflitos de visões de mundo.

Entre 1790 a 1911, não havia nenhuma teoria da cosmovisão. Em 1911 surge o primeiro conceito de cosmovisão a partir de um tratado sobre cosmovisão a ser aplicado nas ciências humanas e naturais, sobretudo nas ciências humanas. O pioneiro a apresentar a teoria construída para explicar o conceito de cosmovisão foi um filósofo da segunda metade do século XIX, chamado Wilhelm Dilthey, que atuou até o início do século XX. Dilthey entrega em 1911 o primeiro tratado teórico sobre cosmovisão. Esse tratado foi criticado por Edmund Husserl (filósofo). O tratado foi fundamental para uma mudança de postura de filósofos como: Max Sheler, Karl Jaspers, que escreveu sobre essa relação entre a teoria da cosmovisão e a psicologia. O próprio Heidegger irá considerar o termo cosmovisão à luz da teoria de Dilthey.

A raiz última da mundividência é a vida. (...) Aqui não explico, não classifico, descrevo somente o facto em si, que qualquer um pode observar. (...) experimento um sossego íntimo, é um sonho, um jogo, uma diversão, uma contemplação e uma ligeira animação – como um subsolo da vida. Não capto nela outros homens e coisas apenas como realidades que se encontram comigo e entre si numa conexão causal: referências vitais partem de mim para todos os lados, relaciono-me com homens e coisas, tomo posição perante eles, satisfaço as suas exigências a meu respeito e deles espero algo. (DILTHEY. Teoria das Concepções de Mundo. 1992 p. 111-112).⁸

⁷ GOHEEN, 2016, p. 35-36.

⁸ DILTHEY, Wilhelm. **Teorias das concepções de Mundo**. Tradução de Artur Mourão. São Paulo: Blucher, 1972, p. 568.

Assim, Sheler, Jasper, Heidegger, Paul Richer, quando tratam de cosmovisão, vão referendar a teoria do Dilthey, pois atrela a teoria ao enigma da vida. A diferença é que a teoria da cosmovisão sempre vai se colocar conforme propõe Dilthey, como uma filosofia da filosofia, como uma filosofia que antecede a tudo e que está atrelado as circunstâncias. Pois a filosofia deve ser pensada à luz da história dos problemas filosóficos. Em sua obra, Goheen explica que “Wilhelm Dilthey (1833-1911) enfatizou que uma cosmovisão é uma visão de vida que é tanto abrangente quanto coesa: seu objetivo é expressar o significado mais profundo do mundo, responder às questões fundamentais da vida”.⁹

Dilthey traz bases para a compreensão das ações humanas a partir das experiências vivenciadas ao longo da vida.

Na teoria do conhecimento, Dilthey opõe-se às doutrinas intelectualistas: não conhecemos com a inteligência, mas sim com a totalidade de nossa alma e constatamos o mundo exterior por meio de nossa vontade ao esbarrar com uma resistência. Dilthey elaborou uma minuciosa teoria do conhecimento das ciências do espírito (hermenêutica), os três princípios básicos da qual são os seguintes: o conhecimento histórico é reflexão sobre si mesmo; compreender (verstehen) não é explicar (erklären), não é uma função racional, mas cumpre-se com todas as forças emotivas da alma; a compreensão é um movimento da vida para a vida, porque a própria realidade é vida. Só mediante a cooperação de todas as forças da alma e pela nossa coesão interna é que podemos compreender a coesão total.¹⁰

Nesse sentido, Dilthey dá um passo importante na conexão da filosofia com a realidade, pois não é possível refletir sobre as demandas e desafios do mundo, afastados, distanciados do mundo real. Com isso, Dilthey começa a levantar o problema das circunstâncias. Dilthey percebe a influência das circunstâncias na vida das pessoas, no agir, no pensar e no sentir.

José Ortega Gasset foi responsável por divulgar a essência do pensamento de Dilthey. Ortega reconhece a influência de Dilthey em sua vida. A teoria de Dilthey influenciou um pensador muito conhecido entre cristãos e não cristãos: C. S. Lewis.

Dennis Danielson, o historiador intelectual, mostra como Lewis percebeu sua filosofia de vida, sua maneira de pensar, atrelada a um conceito importante de Dilthey, e que tem a ver com a formulação do conceito de cosmovisão.¹¹

Nesse sentido, nenhuma análise é distanciada e neutra da visão de mundo (não é passível e nem imparcial). A análise é realizada a partir de um conjunto de pressupostos, conceitos, convicções, experiências e relações. Ao falar sobre esta questão em sua obra, Domingues destaca que “uma cosmovisão não surge desprovida de neutralidade, antes sua intenção e finalidade são bem delineadas, pois ela de fato norteará o futuro das gerações, no que diz respeito ao seu modo de vida e de governo a ser adotado”.¹² Lisle corrobora ao citar

⁹ GOHEEN, 2016, p. 37.

¹⁰ CASTRO, Murilo Cardoso de. **A comunicação linguística de uma perspectiva da Fenomenologia de E. Husserl**. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/8656>, 2009. Acesso em: 21 de setembro. 2020.

¹¹ RANGEL JÚNIOR, José Luiz Coelho. **Metáfora e Imaginação Poética na obra crítica de C. S. Lewis**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50252/50252.PDF>. Acesso em 28 de fevereiro 2023.

¹² DOMINGUES, 2018, p. 118-119.

que “a ciência não é neutra, pois trabalha com hipóteses baseadas em crenças ou pressuposições”.¹³

É possível perceber do pensamento de Dilthey, que a construção da cosmovisão ocorre de forma relacional, podendo estas humanizar ou oprimir. Além disso, conforme conceituação da palavra “cosmovisão” por Sire, pode-se visualizar este processo de construção da visão de mundo, onde ele diz que,

Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma narrativa ou como um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que nós sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento sobre o qual nós vivemos, nos movemos e existimos.¹⁴

C. S. Lewis em sua obra “O peso da glória”, de 1949, afirma que: “todo homem, acredito, gosta da imagem de mundo que ele reconhece. Isso significa que a cosmovisão opera em nós um controle de como percebemos o mundo. Algo que determina, porque pensamos o que pensamos”.¹⁵ Assim, dentro desta perspectiva a cosmovisão é um compromisso do coração. A cosmovisão é subjetiva, é a visão individual e coletiva sobre o mundo e está atrelada a racionalidade histórica. Neste sentido, a cosmovisão é compartilhada nas interações sociais.

2. A COSMOVISÃO CORRUPTÍVEL DA HUMANIDADE

Ao refletir-se sobre a crise da ética humana, surge um questionamento ardente, conhecer o que leva a corrupção. O motivo da falta de ética, a razão da natureza desonesta do ser humano. A cultura da desonestidade não dá a possibilidade de ver o país superar as desigualdades sociais alarmantes, a economia em desajuste, a falta de investimento adequado na educação e cultura, o aumento da violência nas comunidades, o tráfico e uso de drogas, um grande percentual da população desempregada, pessoas sem habitação entre outras dificuldades que corriqueiramente estampam as capas dos jornais e as notícias dos telejornais.

A cosmovisão, ou seja, a visão de mundo, se dá de forma inconsciente, fruto das experiências, formação escolar, acadêmica, cultural, social, econômica, religiosa, entre outras dimensões e contextos que uma pessoa vivencia desde o nascimento.

Nesse sentido, quando uma pessoa ingressa no mundo cristão, através da conversão a Jesus Cristo, como único salvador e Senhor, sua cosmovisão como novo convertido será modificada através do Espírito Santo ao longo da sua trajetória de vida. Rega coloca sobre esse novo modo de vida que “o cristianismo é o estilo de vida comprometido com Jesus Cristo”.¹⁶

Nesse contexto, a sua mente, ações e práticas serão moldadas gradativamente conforme os anos de vida e comunhão com Deus vão passando. Nessa perspectiva, tal como

¹³ LISLE, Jason. **Guerra de cosmovisões**. Brasília: Monergismo, 2014, p. 99.

¹⁴ SIRE, James W. **Naming the elephant: worldview as a concept**. Downers Grove: Intervarsity, 2004, p. 100.

¹⁵ LEWIS, C. S. **O peso da glória: mensagens para o homem moderno**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1993.

¹⁶ REGA, Lourenço Stelio. **Dando um jeito no jeitinho: como ser ético sem deixar de ser brasileiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 40.

as lentes de um óculo de grau, a cosmovisão cristã mudará a maneira pela qual anteriormente o mundo era enxergado, percebido, antes da conversão. É o que o apóstolo Paulo retrata sobre inconformismo com os “valores” presentes no mundo em Romanos capítulo doze. “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente...” Ao apresentar como as pessoas leem o mundo, Domingues coloca que “as lentes de interpretação compõem o sistema de crenças que sustentam as bases de uma cosmovisão”.¹⁷

Para tanto, Deus através do Espírito Santo convence o ser humano a mudar de lentes. Deve-se retirar as lentes embaçadas e arranhadas pelo pecado e aceitar as lentes novas e corretivas oferecidas por Jesus. O ser humano antes da salvação sofre com uma cegueira espiritual, pois o pecado embaçava, ofuscava e regia a humanidade. Mas Deus em sua infinita misericórdia oferece as lentes de Jesus Cristo para que se possa ter de volta a visão das coisas espirituais.

As cosmovisões existentes não são percebidas analiticamente e conscientemente. Elas estão intrínsecas as ações e emoções. São realizadas através de critérios que se possui na visão de mundo internalizada, a qual não se tem consciência. E é a luz dessa visão de mundo que se importa com algo ou não; que defende a ética cristã ou abre mão dela; religiosos ou agnósticos, justos ou injustos.

Dietrich Bonhoeffer fala sobre a ética em sua vivência e obra. Ele e seus amigos planejam a morte de Hitler, e por isso ele vai para prisão. Sobre visões de mundo que abordam realidades diferentes, como a sagrada e a profana e a guerra de cosmovisões, ele coloca que,

com essa divisão da realidade global em uma área sagrada e outra profana, uma cristã e outra mundana, cria-se a possibilidade de existência em uma só delas: uma existência espiritual, portanto, que não participa da existência mundana e uma existência mundana que pode reivindicar autonomia para si e que a faz valer contra a esfera sagrada.¹⁸

Todas as pessoas possuem suas respectivas cosmovisões, elas não apresentam atitudes mecânicas, cerebrais, elas são passionais, é uma inclinação do coração. A definição de cosmovisão orienta o que se deve ser, fazer e viver. Oliveira explica esse processo transformacional operado pelo evangelho no coração humano ao mencionar que, “à luz de um campo de significado teorreferente, o *eu*, ou coração, precisa ser necessariamente interpretado como instância fundamentalmente religiosa ou *coram Deo*. Este tem sido o entendimento de vários autores cristãos destacados na história”.¹⁹ Para Lutero, onde o evangelho fosse anunciado estaria trazendo conflitos internos ao coração humano e externos com transformações visíveis.

Quando se fala do famoso “jeitinho brasileiro”, explica-se que é algo que está enraizado na mente e no coração do povo brasileiro. E é preciso ter consciência dessa cosmovisão e

¹⁷ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Cosmovisões e projeto político-pedagógico**. Saarbrucker, Deutschland: Novas Edições Acadêmicas, 2015, p. 76.

¹⁸ BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 10.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009, p. 126.

¹⁹ OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. Reflexões críticas sobre weltanschauung: uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisão numa perspectiva teo-referente. **Fides Reformata**. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 31-52, 2008.

mudá-la a luz da cosmovisão cristã (dos princípios e práticas cristãs). Esse estilo de vida é fruto da cosmovisão corruptível do ser humano. Paulo descreve bem isso a igreja de Roma: “E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, avareza e maldade” (Rm 1.28-29a). Rega corrobora em sua obra sobre a temática do “jeitinho brasileiro” ao enfatizar sobre a natureza humana que “a ação humana tem origem na mente. Se a mente for renovada pela Palavra de Deus (Rm 12.2), as ações também o serão”.²⁰

3. COSMOVISAO CRISTÃ E A EDUCAÇÃO

Diante da realidade existente em plena sociedade contemporânea, com uma gama de cosmovisões em conflitos, em busca de supremacia e com uso de imposições para consolidação de seus pressupostos, percebe-se que esta batalha é fruto principalmente da autonomia humana em busca de respostas para sua própria existência terrena e transcendental. Sire apresenta em resumo do que foi dito “a essência da modernidade: a autonomia da razão humana”.²¹ Sobre a autonomia ligada à formação educacional, Molochenco mostra que o fazer educacional implica em “construir no indivíduo capacidades que o auxiliem a viver no mundo, interagindo e relacionando-se com seus pares e com a realidade, transformando-a e transformando-se”.²²

A área que trabalha com a transmissão e busca de novos conhecimentos que é a educação acaba atingida por estes conflitos de visões de mundo e de certa maneira encontra dificuldades com questões de encaixe, equilíbrio e explicações acerca de determinadas coisas. O próprio curso de Teologia precisou percorrer um longo percurso para ter o seu reconhecimento na área das Ciências Humanas, apesar de ainda enfrentar preconceitos. “O docente de Teologia também vive caminhos de formação trilhados com dificuldades. Os cursos oficializados de Teologia ganham espaços no campo científico, mas esses espaços ainda não fazem desta área de estudos ressonância devida”.²³

Apesar das lutas encontradas, percebe-se que no meio educacional em geral, a presença da cosmovisão teorreferente promovendo transformação social e uma vivência mais justa e satisfeita em comunidade. O artigo sobre a contribuição da teologia para história da educação e da ciência de Nascimento mostra bem em sua parte introdutória que “a teologia possui relação com a educação, porquanto possui uma concepção formada do ser humano, uma filosofia de vida, uma visão de mundo, e anseia pela transformação desse ser e, portanto, essa relação é proveitosa para a sociedade”.²⁴ O autor ainda complementa ressaltando a necessidade do diálogo saudável entre as cosmovisões e a presença da teologia contribuindo

²⁰ REGA, 2000, p. 134.

²¹ SIRE, 2018, p. 237.

²² MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. Formação integral do professor: aproximações teóricas para educação teológica. **Revista Via Teológica**. Vol. 19, nº 37, Jun/2018.

²³ MOLOCHENCO, 2018.

²⁴ NASCIMENTO, Jeverson. Contribuição da Teologia para a História da Educação e Ciência. **Revista Via Teológica**. Vol. 20, nº 39, Jun/2019, p. 150.

para a educação e a ciência, sendo fundamental para o bem da sociedade e promoção do bem-estar social.²⁵

A guerra entre as cosmovisões presente nos mais variados setores da sociedade se não for bem administrada pode gerar posturas de intolerância, preconceitos dos mais variados e até mesmo perseguição e homicídios. Na obra *Guerra de Cosmovisões*, vê-se claramente nos artigos presentes na mesma, a batalha pela imposição de visões seculares e ainda a junção de muitas delas contra a proposta cristã de cosmovisão para o mundo. “O humanismo secular (com seu fundamento da evolução e dos milhões de anos) luta com unhas e dentes contra o cristianismo bíblico (e a ideia de que Deus é o Criador) pelo coração e pela mente de nossos filhos”.²⁶ O objetivo é pelo uso da educação em suas mais variadas áreas impor aquilo em que acreditam e estão dispostos em muitos casos a dar suas vidas para alcançar seus objetivos.

Meister mostra a guerra entre a cosmovisão bíblica com as outras cosmovisões seculares presente no meio educacional, resultado das influências históricas e culturais, afirmando que,

A missão da escola cristã, no entanto, não deve omitir o seu diferencial básico em relação a qualquer outro tipo de educação: o fato de que fundamentamos nossa motivação e processos em uma visão de mundo que contrasta com as cosmovisões seculares. A missão da escola cristã que leva a sério o seu chamado para uma educação teísta, teorreferente, tem como ponto de partida a existência de um Deus vivo, criador e redentor, o qual deve ser ouvido atentamente em sua revelação nas Escrituras, na criação e na providência. Deixar de ouvir quaisquer destas três vozes distorce a missão e leva-nos a um conhecimento parcial e distorcido da verdade.²⁷

A questão do “jeitinho brasileiro”, já mencionada na sessão anterior, apresenta em suas entrelinhas a influência de “valores” internalizados pela sociedade nos indivíduos presentes na mesma. Neste contexto, observa-se a presença de cosmovisões em conflitos pelo agir com aquilo que se considera moral e ético para as relações humanas. Rega corrobora ao citar e refletir sobre questão do embate que “o fator relevante são as implicações éticas do ‘jeito’ em confronto com os princípios supraculturais e permanentes da Bíblia”.²⁸

A luz da cosmovisão cristã, o “jeitinho brasileiro”, segundo Rega, é “na linguagem teológica chamado de pecado. A fonte desse diagnóstico é a Bíblia em que se encontram os ideais de Deus para o viver cristão”.²⁹ Agora se a visão de mundo é de viés naturalista ou humanista por exemplo, pensa-se que a forma de agir de acordo com o chamado “jeitinho” possa funcionar como algo normal e até mesmo com explicação devido às desigualdades sociais presentes na sociedade brasileira.

Nesse sentido, precisa-se da graça de Deus para moldar a cultura e o caráter da nação brasileira, a educação e a cultura. Nesse contexto, vive-se em um contexto pluralista de

²⁵ NASCIMENTO, 2019, p. 167.

²⁶ LISLE, 2014, p. 7.

²⁷ MEISTER, Mauro. Cosmovisão: do conceito à prática na escola cristã. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 175-190, 2008.

²⁸ REGA, 2000, p. 18.

²⁹ REGA, 2000, p. 133.

cosmovisões, logo, cosmovisões em conflitos. Lisle coloca em sua obra que “estamos envolvidos em uma guerra de cosmovisões”.³⁰ No mundo, as cosmovisões estão em conflito, em contradição, em confronto constante.

Presente em muitas das escolas confessionais cristãs, o ministério da capelania se propõe a dialogar com as visões de mundo trazidas e internalizadas em cada participante do ambiente escolar e propor colaboração a partir da cosmovisão cristã que fundamenta a existência da escola em questão. Vieira ressalta que, dentro da função do profissional da área de capelania, o capelão precisa em sua atuação no meio estudantil “saber ouvir é ser empático, sendo capaz de se deslocar na direção do mundo do outro de tal modo a entender suas dores, suas dúvidas, suas angústias”. Esta atuação apresenta-se como maneira dialógica de compartilhar no meio educacional os princípios da fé cristã e sua visão sobre o mundo.³¹

Ao detalhar a importância do trabalho de capelania trazendo benefícios para as instituições em ambientes como escolas, prisões, hospitais, forças armadas, Alves coloca que é da responsabilidade da capelania cultivar da “espiritualidade no ambiente institucional”, sendo o “exercício da espiritualidade sempre positivo para o desenvolvimento pessoal e organizacional”.³²

O calendário escolar, com datas especiais comemoradas e aprofundadas dentro da cultura brasileira, funciona como um campo propício para se preservar tradições, difundir cosmovisões e apontar caminhos propostos pela perspectiva presente de visão de mundo do meio escolar. A capelania cristã tem explorado bem esta área e aproveitado para difundir a fé em Jesus Cristo e valores presentes nas Escrituras Sagradas para uma vida em comunidade mais equilibrada. O período da Páscoa e do Natal são exemplos bem claros do anúncio da mensagem teorreferente no meio escolar brasileiro, através do trabalho da capelania.

Quando fala do profissional de capelania em sua obra, Ferreira coloca acerca de sua postura e vivência relacional com os participantes do meio educacional, que a “conduta de vida cristã, a ética, devem ser de acordo com os princípios bíblicos (1Co 10.33; 16.13; Fp 4.8)”.³³ Em sua obra sobre *Capelania Hospitalar Cristã* com Lizwaldo Mário Ziti, Ferreira complementa sobre finalidade da capelania ao mencionar que “a assistência do capelão cristão deve trabalhar, naturalmente dentro da boa ética, no sentido de dirigir a pessoa para o caminho do verdadeiro encontro com Deus, em Jesus Cristo”.³⁴ A ética e o respeito não podem faltar no exercício da capelania no meio escolar, avaliando sempre questões de ordem cultural, crenças e tradições. Com esta postura e visão, todos os envolvidos no processo só terão a ganhar.

Ao mencionar o currículo do capelão escolar relacionado as suas atividades e formação, Ferreira destaca a importância de formação nas “áreas de teologia, da pedagogia ou da psicologia” e lista temas que podem e devem ser explorados em sua atuação, tais como: “vida

³⁰ LISLE, 2014, p. 7.

³¹ VIEIRA, Waldir. **Capelania escolar: desafios e oportunidades**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2011, p. 37.

³² ALVES, Gisleno Gomes de Farias. **Manual do capelão: teoria e prática**. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 148.

³³ FERREIRA, Dami. **Capelania escolar evangélica**. 2.ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2011, p. 75.

³⁴ FERREIRA, Dami; ZITI, Lizwaldo Mário. **Capelania hospitalar cristã: manual didático e prático para capelães**. 2.ed. Santa Bárbara do Oeste: SOCEP, 2005, p. 31.

espiritual, conceito de assistência espiritual, aconselhamento pastoral, conhecimento básico de entorpecentes, sexologia – gravidez do adolescente, calendário escolar, conhecimento amplo do Código de Ética da Capelania”.³⁵

A descrição conceitual da Capelania Escolar com sua atuação no meio institucional educacional e benefícios para todos os envolvidos ajudam a esclarecer a necessidade e importância deste trabalho ministerial com resultados de ensino-aprendizagem ampliados para a sociedade.

A Capelania Escolar atua em estabelecimentos de ensino fundamental, médio e universitário. Seu público-alvo são os alunos, professores e funcionários. O objetivo da assistência religiosa e espiritual na escola é colaborar com **o processo ensino-aprendizagem por meio da vivência da fé, e do desenvolvimento de relacionamentos saudáveis**. A capelania escolar coopera com a formação dos alunos por meio da consolidação de valores morais, cívicos e religiosos, auxiliando-os na superação de crises advindas em razão dos desafios impostos pela idade ou por questões de ordem pessoal, familiar ou de outra natureza. A assistência aos professores e funcionários foca seu desenvolvimento pessoal, sua qualidade de vida e seu relacionamento com os alunos e seus pais ou responsáveis. **Especialmente nas escolas confessionais, a capelania participa também da coordenação pedagógica e da formulação de diretrizes internas de ensino**. A capelania escolar pode ser chamada a colaborar na promoção de campanhas educativas e assistenciais também.³⁶

A proposta da Educação por Princípios de cosmovisão teorreferente defendida e explanada por Domingues ressalta a importância da internalização de valores aplicados à vida em sociedade, gerando transformação do indivíduo e do mundo a sua volta. A pesquisadora defende que ocorra no ensino com base bíblica a transmissão de “princípios que se perpetuaram e continuam se perpetuando no tempo e na história da humanidade”.³⁷ Ao falar sobre a formação integral do ser humano através da educação com proposta cristã, Domingues ressalta que este ensino “possibilita ao aprendente olhar com criticidade para a sociedade, a fim de filtrar conceitos, posturas e valores que se mostram contrários à verdade revelada”.³⁸

Diante desta exposição, compreende-se a importância da cosmovisão cristã poder participar, internalizar, influenciar e transformar o meio educacional no tempo presente. Em um tempo no qual tudo é relativizado e os relacionamentos são “líquidos”, percebe-se as fragilidades presentes inclusive na área de formação e a urgência de propostas públicas e privadas de resgate de valores que possam proporcionar uma educação mais equilibrada e como consequência formar cidadãos mais conscientes de suas responsabilidades e função transformacional para a sociedade.

³⁵ FERREIRA, 2011, p. 44-46.

³⁶ ALVES, 2017, p. 208.

³⁷ DOMINGUES, Gleyds Silva. Uma análise introdutória sobre a importância da significação no ensino bíblico. **Revista Via Teológica**, Vol. 18, nº 36, Dez/2017, p. 79.

³⁸ DOMINGUES, 2018, p. 14.

4. CONFLITO DE VISÕES: ORIGENS IDEOLÓGICAS DAS LUTAS POLÍTICAS

Visões sociais são importantes de várias formas. O mais evidente é que políticas baseadas em uma determinada visão de mundo têm consequências que se espalham pela sociedade e reverberam durante anos, ou mesmo por gerações ou séculos. Visões determinam os temas tanto para o pensamento quanto para a ação. Elas preenchem necessariamente as grandes lacunas do conhecimento do indivíduo.³⁹

Para Dilthey, a cosmovisão é uma necessidade humana, nesse aspecto, há uma visão restrita da natureza humana e uma visão irrestrita. Assim, a visão restrita está associada ao “pensamento liberal”, que segundo Sowell, “a visão restrita não é uma visão estática do processo social, tampouco uma visão de que o status quo deveria ser alterado. Pelo contrário, seu princípio central é a evolução”.⁴⁰

No que cerne aos âmbitos econômicos e sociais, a visão irrestrita promove, historicamente, condições de vida mais igualitárias em sociedade. Em contrapartida, de acordo com Sowell, “os adeptos da visão restrita, na maioria das vezes, tendem a se preocupar menos com a promoção da igualdade econômica e social e mais com os perigos de uma desigualdade de poder, produzindo uma elite governante articulada composta por racionalistas”.⁴¹ Nesse contexto, pode-se perceber uma tensão entre a intervenção estatal (esquerda) e a não intervenção estatal (direita).

Nesse sentido, Bobbio, tenta classificar a direita e a esquerda em relação à liberdade, quando diz:

No que diz respeito à definição de esquerda e direita, a distinção entre as duas díades (igualdade-desigualdade e liberdade-autoridade) adquire particular relevância, pois um dos modos mais comuns de caracterizar a direita em relação à esquerda é contrapondo a direita libertária à esquerda igualitária.⁴²

No entanto, deve-se ter cautela, pois existem doutrinas e movimentos libertários tanto na esquerda quanto na direita. Dessa forma, o autor diferencia as duas utilizando o critério da postura diante da liberdade. Sendo assim, esses movimentos apresentam quatro partes, são eles: extrema esquerda — igualitária e autoritária; centro-esquerda — igualitária e libertária; centro-direita — libertária e inigualitária; e extrema direita — antiliberal e inigualitária.⁴³

Nessa perspectiva, a visão transformadora moldando uma cosmovisão cristã, segundo Walsh,

vai tratar sobre a cosmovisão em uma sociedade pluralista. Nessa linha de pensamento, existem cosmovisões majoritária e minoritária. A majoritária é cosmovisão que ordena a sociedade.⁴⁴

³⁹ SOWELL, T. **Conflito de visões**: origens ideológicas das lutas políticas. São Paulo: Realizações, 2012, p. 21.

⁴⁰ SOWELL, 2012, p. 86.

⁴¹ SOWELL, 2012, p. 68.

⁴² BOBBIO, N. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 1995, p. 117.

⁴³ BOBBIO, 1995.

⁴⁴ WALSH, Brian. **A visão transformadora**. São Paulo: Cultura cristã, 2010. Consulta: e-book.

No Brasil, tem-se uma a sociedade conservadora, no entanto, é a cosmovisão que determina as leis e projetos de leis do país. Logo, àqueles que estão no poder direcionam suas crenças e o que entendem por “valores”. Nesta condição, depreende-se que não é equivalente a visão de mundo da maioria da população brasileira. Assim, vive-se uma batalha pela mente das pessoas.

Nesse entendimento, a cosmovisão majoritária mediará o conflito entre as demais cosmovisões. Assim, precisa-se entender a necessidade de tolerância em relação as mais diversas cosmovisões. No entanto, o conceito de tolerância não é se acovardar ou concordar com a cosmovisão divergente da teorreferente, mas compreendê-las e dialogar com elas. Nesse sentido, tolerar não é sinônimo de concordância, ou encontrar pontos convergentes. Assim, precisa-se buscar um entendimento correto sobre o termo tolerância principalmente no que cerne aos conflitos de cosmovisões.

A tolerância é afirmada na contradição. Precisa-se aceitar que as pessoas pensam diferente e que ambas são livres para expor suas ideias e serem respeitadas. A exemplo disso, as universidades historicamente têm apresentado uma visão secularizada e relativista que pouco tolera a cosmovisão cristã em seus debates e diálogos acadêmicos. O espaço universitário entre outros espaços de formação de opinião e da reflexão crítica, precisam compreender a dimensão da palavra tolerância e aplicá-la de fato, a sua prática. Nesse sentido, tolerar é assumir posições de conflito e distanciamento, como ideias incompatíveis.

Nessa perspectiva, deve-se repensar as categorias de debates de ideias. No entanto, a cosmovisão cristã é a verdade para o mundo, mas há uma hostilidade em aceitá-la em diversas áreas da sociedade brasileira. A aversão a cosmovisão cristã é percebida na família, educação, política, sociologia, entre outras. A contracultura cristã nestas condições precisa buscar o equilíbrio para dialogar e persuadir com pressupostos e fundamentação bíblica, a proposição de Deus para a humanidade de acordo com as Escrituras Sagradas.

No diálogo sobre política no Brasil haverá confronto de ideias. O tempo presente mostra bem essa realidade. No entanto, o cristão precisa se preparar para se posicionar de forma coerente, consistente e contundente. A sua argumentação sobre política deve ser à luz da cosmovisão cristã. Assim, o cristão deve estar preparado e fundamentado em suas convicções, pois constantemente será questionado sobre a razão da sua fé e prática da cosmovisão cristã que vive, defende e dissemina.

A tolerância não é sinônimo de concordância. Mas, respeitar as opiniões contrárias. Dessa forma, não se pode impor o cristianismo à humanidade. Deve-se partir do pressuposto que todos devem escolher o caminho que querem seguir. Nesse sentido, a imposição e a violência nunca será uma opção coerente com a Bíblia Sagrada, para discipula-se uma pessoa ou apresentar Jesus a alguém. Um exemplo prático no século XX nos Estados Unidos sobre está questão de guerra de cosmovisões, mas postura não violenta e foco no pacifismo para prevalência dos valores cristãos a sociedade daquela época, foi a campanha desenvolvida tanto no meio político como religioso defendida por Martin Luther King. Sua ênfase na liberdade religiosa e de expressão, igualdade entre as pessoas diante de Deus e difusão de valores como o amor, a paz, o respeito e o cuidado com o próximo, corroboraram para

impacto da cosmovisão teorreferente diante da sociedade e conquista de mudanças profundas no meio social.

A tolerância é a forma de viver harmonicamente em sociedade. Assim, cada comunidade deve desfrutar de sua autonomia. O mundo pluralista precisa ser respeitado em suas convicções e crenças. No entanto, o entendimento de pluralidade em um mundo cujas cosmovisões são secularizadas e relativistas ao extremo; onde o raciocínio dessa cosmovisão relativista é contrária a qualquer diálogo, pois tenta relacionar todas as religiões alegando que todas tem a verdade, acaba trazendo sérios prejuízos ao diálogo e ao equilíbrio social, gerando com naturalidade conflitos sem fim.

A filósofa alemã de origem judaica, Hanna Arendt, que atuou no século XX, se posiciona sobre a origem do totalitarismo e da massificação de uma ideia, na qual todos devem pensar e agir em concordância absoluta. Nessa perspectiva, a análise de movimentos totalitaristas na história da humanidade é inédita. No entanto, havia tirania na antiguidade no império romano, despotismo na idade média, mas totalitarismo inicia-se no século XX, com os ideais de Hitler (nazismo), comunismo de Lenin.⁴⁵

O totalitarismo visa a massificação, a doutrinação, a imposição de suas ideias, nas quais todos devem ter o mesmo pensamento, a exemplo disso, Hitler tomou uma atitude crucial para trazer unidade ao povo alemão. Ele dissolveu todos os partidos políticos, eliminou a pluralidade partidária no período do nazismo alemão. Houve a exterminação do pensamento dos princípios, valores, cultura, crença de um pouco, em nome da imposição de uma ideia concebida como única e redentora para toda uma sociedade plural.

Nesse contexto, três abordagens têm sido utilizadas por líderes cívicos e culturais do mundo. Pretende-se tornar a religião ilegal, condenação da religião e tornar a religião é manter a religião na esfera privada. No entanto, a religião é uma questão de foro íntimo. Neste sentido, todo pluralismo que tenta eliminar o desacordo por meio de leis é totalitário. Assim, na sociedade relativista em que se vive, algumas cosmovisões são evidenciadas em detrimento de outras que são estigmatizadas.

Nessa perspectiva, o pluralismo deve ser defendido pelo cristão, no entanto, o pluralismo deve ser real, garantindo o direito de todos, tem que garantir a autonomia das pessoas defenderem a sua cosmovisão cristã também na esfera dos relacionamentos sociais.

O cristianismo precisa ser liberto da prisão cultural em que foi inserido. Para tanto, algumas ideias sobre o cristianismo devem ser repensadas. Assim, o cristão pode e deve manifestar seu livre pensamento para além das igrejas, da mesma forma como Jesus pregava nas praças, nos montes, nas ruas, pois é sabido que o cristão tem muito a acrescentar na sociedade, para além de conhecimento bíblico. O cristão deve ser um pesquisador rigoroso, pois como intelectual pode ser voz ativa nas diversas áreas que formam a nossa sociedade plural, assim, o cristão deve estar preparado para falar na esfera pública.

A cosmovisão cristã revela que o ser humano nasceu bom e se torna mal pela contaminação com o pecado, no entanto carrega em sua essência humana a marca original,

⁴⁵ <https://claudiohamaral.jusbrasil.com.br/artigos/623753187/hannah-arendt-e-o-totalitarismo> . Consulta em 28 de fevereiro 2021.

do ser humano perfeito, criado por Deus. E a humanidade aguarda a redenção do distanciamento do ser humano perfeito. Para C. S. Lewis: “Nós só sabemos o que é imperfeito, por que o nosso corpo, a natureza e o mundo guardam em si a memória da perfeição, criação de Deus. E por isso aguarda a redenção”. É o que o apóstolo Paulo coloca a igreja de Roma sobre o tema ao dizer: “porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.22-23).

Nesse sentido, tudo nesse mundo era bom, mas tornou-se mal pelo pecado e aguarda a redenção de Deus. E essa cosmovisão cristã deve ser amplamente divulgada nos espaços públicos. O cristão contemporâneo precisa sair da prisão que o impede de ser visto e ouvido como intelectual necessário nas mais diversas esferas da sociedade. Com isso, os cristãos precisam estar preparados para impactar a sociedade contemporânea como intelectuais a serviço de Deus e na defesa da cosmovisão teorreferente frente a diversidade de cosmovisões hegemônicas, promovida por uma sociedade secularizada e relativista.

Assim, devem se preparar intelectualmente. O rigor teórico das Escrituras os preparará para a defesa do evangelho e na visibilidade da cosmovisão cristã necessária para apologética da fé no mundo contemporâneo secularizado e relativista, que tenta impor sua cosmovisão através da massificação de seus pressupostos e marginalização das cosmovisões contrárias.

5. ESTUDO DE CASO EM DANIEL: A COSMOVISÃO TEORREFERENTE INFLUENCIOU A COSMOVISÃO PAGÃ

Como profetizado pelo profeta Jeremias e cerca de seis séculos A.C. a nação de Judá foi derrotada pelo poderio babilônico sob a liderança do rei Nabucodonosor. Naquela ocasião, a cidade foi destruída, os muros derribados, as casas assoladas, o templo em ruínas, os resistentes mortos e os que se renderam foram levados cativos para a Babilônia. Foi um tempo difícil, de sofrimento, de juízo, de castigo, de lamentação e de ensinamentos. Este episódio está relatado nos livros históricos de 2 Reis e 2 Crônicas e nos livros proféticos de Jeremias, Ezequiel, Daniel, todos eles presentes nas Escrituras Sagradas.

Nesse contexto, observa-se do texto do profeta Daniel, que foi um dos que atuaram no período do exílio do povo judaico na Babilônia, que a proposta do povo dominante foi de levar o que tinha de melhor do templo destruído da divindade judaica para o templo dos seus deuses pagãos. Também deportar do povo dominado jovens selecionados para se prepararem para servirem na coorte real as lideranças do império.

Nesta condição, surge o episódio relatado no primeiro capítulo do livro profético, que relata todo o acontecimento histórico narrado e a política de preparação dominante para apresentar jovens capacitados ao longo de três anos para servirem no palácio do rei. Nesta preparação estava além dos ensinamentos culturais transmitidos, a porção alimentícia diária que deveria nutrir os jovens selecionados para o exercício deste serviço específico.

A intenção de Nabucodonosor era provocar o esquecimento da singularidade de Deus, colocar Deus em pé de igualdade com os deuses babilônicos. Assim, ele queria mostrar que

Deus era igual ou mais um deus entre o panteão de divindades babilônicas. Nesse sentido, a intenção era provocar no povo de Deus o esquecimento de sua divindade, o Deus todo poderoso.

Além disso, Nabucodonosor queria que o povo de Deus esquecesse da realidade do cativeiro. Sua intenção era que os jovens esquecessem da sua condição de escravidão. E por fim, o rei pretendia que os jovens esquecessem da sua história e da sua experiência pessoal com o Deus todo poderoso. Nesse sentido, Nabucodonosor troca os nomes que tem vínculo com Deus e coloca nomes novos que fazem referência com os deuses babilônicos. Assim, a proposta é o esquecimento da história, da identidade, da cultura, dos hábitos e da pátria dos judeus.

Nabucodonosor escolheu então, jovens saudáveis, promissores, líderes do povo de Israel, para que esquecessem a sua condição de prisioneiros exilados, a sua cosmovisão teorreferente (centrada no Deus soberano Criador dos céus e da terra – visão de mundo), sua identidade, sua missão e objetivos de vida. A proposta clara era para que vivessem a ilusão da liberdade que o cativeiro poderia proporcionar. Era como se ele dissesse: “esqueçam o Deus de vocês que autorizou a escravidão”.

Em seu plano estratégico de dominação Nabucodonosor intentava destruir a cidade e levar o melhor do templo destruído para o templo do seu deus (Dn 1.1-2). Mandou trazer o melhor dos jovens do povo judeu e estabelecer a força cultura/padrão para eles para que lhes servissem (Dn 1.3-5). Com a intenção de mudar seus nomes pretendia anular sua divindade, sua identidade e sua história (Dn 1.6-7). A decisão de Daniel e seus amigos de não se contaminarem, preservarem suas origens, sua identidade e culto a Deus revela uma contracultura, uma cosmovisão em conflito com a imposta pela cultura dominante naquela ocasião (Dn 1.8-15). Os resultados da experimentação de mudança de alimentos ingeridos, mudam após avaliação até processo de preparação dos que serviriam no palácio real (Dn 1.16). Os servos de Deus se destacam no meio de outros jovens com conhecimento, inteligência, visões e interpretações recebidos do alto (Dn 1.17-20). A cosmovisão teorreferente prevaleceu.

Nesse sentido, diante de uma ideologia imposta, o povo de Deus tem por dever analisar e confrontar a nova proposta à luz da cosmovisão cristã (teorreferente). Assim, a ideologia secular deseja impor suas convicções e conquistar mais adeptos na sociedade contemporânea.

Nessa perspectiva da cosmovisão teorreferente, o evangelho sempre será o juiz entre todas as ideologias existentes. Assim, para Nicholls: “O evangelho nunca é hospede da cultura, mas sempre o seu juiz redentor. O juiz e o redentor de toda cultura é o evangelho redentor”.⁴⁶ O décimo artigo do Pacto de Lausane corrobora ao enfatizar que “a cultura deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras”.⁴⁷

⁴⁶ <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/02/franklin-ferreira-o-cristao-e-a-cultura/> . Consulta em 28 de fevereiro 2021.

⁴⁷ <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne> . Consulta em 28 de fevereiro 2021.

Mas, as ideologias não renunciam a seus postulados em prol da mensagem do evangelho. Dessa maneira surge o conflito. O conservadorismo e a tradição não são meios possíveis de salvação do mundo. Nada e nem ninguém poderão fazer a mudança que somente o poder de Deus através do evangelho pode operar.

Nesse âmbito, Deus convoca seu povo para serem influenciadores. Ele deseja que estejam preparados. Dessa maneira é preciso estudar, investir na leitura de literaturas, da Bíblia, investir na formação intelectual e profissional a serviço do evangelho e da visão de mundo teorreferente para ser instrumento de transformação.

Deus pode usar a juventude cristã, firmada na cosmovisão bíblica, nos campos universitários para influenciar outros jovens em formação acadêmica. As universidades brasileiras são um grande desafio missionário no tempo presente.

Como cristão, defensor de uma leitura de mundo com base na teologia bíblica, o jovem pode influenciar na política, atuando com professor, advogado, economista, filósofo, médico e outros. E nesses contextos de atuação, defender uma ideologia cristã, não negociar valores e princípios, e promover o diálogo com outras visões.

Nesse contexto, pode-se refletir que assim como Daniel, Hananias, Misael e Azarias, a juventude cristã contemporânea não deve se deixar influenciar pelos poderes e ideologias que este mundo oferece. Devem buscar pela sabedoria do alto, através da comunhão com o Senhor e não se deixar contaminar com as ideologias hegemônicas que influenciam o presente século, mas ser instrumento de transformação para este mundo com o poder transformador do evangelho (Rm 12.1-2). Para lidar com tamanho desafio, Deus dará inteligência e sabedoria aos jovens de hoje, assim como concedeu a Daniel e seus amigos naquela ocasião e contexto.

Deus em sua maravilhosa e infinita bondade, sabedoria e visão, concedeu a Daniel e aos jovens tementes a Ele naquela ocasião, conhecimentos e sabedoria sobre a cultura e ideologia da época para serem instrumentos de influência sobre o rei babilônico e todo o povo que lá habitava. Da mesma forma, nos dias de hoje, o Senhor convoca seus servos e servas fiéis a fazer parte do seu exército para transformação deste mundo.

O maior e melhor diferencial dos cristãos é Deus e sua mensagem de amor e transformação. Nesta compreensão, é a mensagem do amor de Deus, e somente ela, que pode trazer mudanças e vida para a humanidade. Deus torna seu povo diferente e destaca-o diante da sociedade, usando-o como agente de salvação dele no meio social. Naquela ocasião do relato de Daniel capítulo 1, o jovem Daniel foi presenteado por Deus com um diferencial que muito lhe ajudou no cumprimento de sua missão.

No ensejo, Daniel recebeu de Deus o dom da visão e da interpretação de visões e sonhos. Diz o texto que era dez vezes mais sábio que os magos e encantadores pagãos. O rei Nabucodonosor não encontrou nenhum outro jovem tão inteligente e sábio quanto Daniel, Hananias, Misael e Azarias. Eles serviram ao rei, mas, sem se submeterem as ideologias propostas pelos babilônicos. Assim, Daniel e seus amigos mantiveram-se firmes no seu Deus e seus ensinamentos até o primeiro ano do rei Ciro finaliza a primeira sessão do livro profético.

Hoje, os jovens seguidores de Jesus Cristo também são desafiados assim como Daniel e seus amigos foram. São confrontados a comerem das “finas iguarias” da contemporaneidade.

Em suas posturas, devem não aceitar as influências mundanas, não se curvarem diante dos deuses deste século que se apresentam sutilmente e até mesmo abertamente diante de todos.

Assim, como o nosso grande “influencer” Daniel, seguidor fiel do Deus verdadeiro, não devem os jovens cristãos do tempo presente, negociarem a única razão pela qual faz sentido suas vidas neste mundo: Jesus Cristo. Os princípios do cristianismo são inegociáveis, pois o que estará em jogo a partir da baixa da guarda e negociação indevida de valores e credos, será a capacidade de influenciar o mundo e de fazer a diferença com o poder libertador do evangelho, podendo o “sal” e a “luz”, relatados no Sermão do Monte, perderem sua finalidade e uso.

A juventude cristã precisa estar disposta a entregar a própria vida, como fez o jovem Daniel e seus amigos, defendendo a verdade daquilo que é anunciado e se crer com base no evangelho de Jesus Cristo. Tudo isso com o propósito para que outros creiam no poder transformador do Deus Criador de todas as coisas. Assim, também fizeram os mártires cristãos pela causa do evangelho ao longo da história da igreja não renunciando a sua fé e princípios.

No entanto, compreende-se que o compromisso à Jesus Cristo, não exigirá necessariamente o sangue derramado de forma literal. A proposta da visão humanista e naturalista do mundo para os jovens, inclusive cristãos, pode até requerer sangue derramado, mas tem por objetivo específico dominar a mente e o coração com o intuito de distanciar os indivíduos de suas crenças e valores, de sua missão nesta terra. Missão esta, pela qual os cristãos, mensageiros do evangelho de Jesus Cristo, foram chamados a desenvolver com amor, entrega e fidelidade até o fim de suas vidas aqui na terra.

Nesse sentido, qualquer convite que afaste o jovem cristão do centro da vontade de Deus, afetar a mente e o coração do mesmo. As Escrituras já mencionam que “onde estiver o teu tesouro (**mente**), ali estará também o teu coração” (Mt 6.21 – grifo nosso).

Jesus Cristo, o salvador, fez um intercâmbio nesse mundo com sua encarnação e ministério (uma imersão cultural). Conheceu as cosmovisões em conflito de sua época. Não renunciou a sua cosmovisão teorreferente. O tesouro de Jesus, estava no foco da missão recebida do Pai, missão que o Pai o confiara. Da mesma maneira, o cristão precisa seguir firme em sua convicção religiosa fundamentada na Bíblia, imitando seu grande influenciador Jesus Cristo e os exemplos de jovens íntegros como foram Daniel, Hananias, Misael e Azarias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi trabalhado neste artigo científico sobre a temática da cosmovisão com proposta teorreferente de leitura de mundo, visualiza-se a importância da presença e influência dos princípios cristãos para a vida poder alcançar e transformar a cultura, a educação e a política da sociedade em que se está inserido. Tal proposta possibilitará mudanças significativas no meio social a partir da presença de virtudes cristãs que promovam vivência social mais justa, equilibrada e de valorização do indivíduo presente, ativo e em constante construção de entendimento e de leitura do mundo a sua volta.

As variadas e pluralistas cosmovisões não deixarão de existir na sociedade para que fique apenas uma visão de mundo de teor totalitarista e impositiva. O que se pensa é que a cosmovisão cristã em meio a toda esta diversidade, precisa buscar de maneira sábia maneiras de desenvolver diálogos que tragam construções aos envolvidos na trama social. Neste processo comunicativo, os mecanismos presentes no diálogo precisam ser respeitados e o emissor tanto deve transmitir sua mensagem com clareza e compromisso com o receptor para que possa galgar êxito em seus objetivos transformacionais a partir da mensagem do evangelho internalizada em sua vida e transmitida ao seu semelhante com proposta de compromisso com a visão teorreferente.

Acredita-se e visualiza-se que ao longo da história da humanidade, a proposta de leitura de mundo bíblica tem impactado gerações, apesar das lutas e conflitos acerca da leitura de mundo presente na sociedade. Entende-se que a mensagem do evangelho sempre terá espaço e alcançará êxito em sua proposição por seguir sendo conduzida pelo próprio Criador que tem planos e propósitos maiores para sua criação. Pensa-se que as conquistas já visíveis também em tempos contemporâneos devem ser consolidadas e permitam abertura para novas vitórias, através da disseminação da fé evangélica presente na proposta de vida cristã.

Este trabalho desenvolvido não intenta encerrar a questão do assunto pesquisado e pretende corroborar com o meio científico acadêmico e propor novas possibilidades para futuras pesquisas na área. Desta feita, entende-se que é uma temática desafiadora e que se espera ver adiante novas e aprofundadas literaturas que sigam mostrando de forma clara a necessidade e importância da cosmovisão com valor teorreferente, presente e atuante nas relações humanas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gisleno Gomes de Farias. **Manual do capelão: teoria e prática**. São Paulo: Hagnos, 2017.

Bíblia Sagrada. Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: UNESP, 1995.

BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 10.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

CASTRO, Murilo Cardoso de. **A comunicação linguística de uma perspectiva da Fenomenologia de E. Husserl**. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/8656>, 2009. Acesso em: 21 de setembro. 2020.

DILTHEY, Wilhelm. **Os tipos de concepção de mundo**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Lusofia, 1992.

DILTHEY, Wilhelm. **Teorias das concepções de Mundo**. Tradução de Artur Mourão. São Paulo: Blucher, 1972.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Cosmovisões e projeto político-pedagógico**. Saarbrucker, Deutschland: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Uma análise introdutória sobre a importância da significação no ensino bíblico. **Revista Via Teológica**, Vol. 18, nº 36, Dez/2017.

DOMINGUES, Gleyds. **Diretrizes para a educação cristã bíblica**: por uma nova proposta educacional. Curitiba: Emanuel, 2018.

DUSSEL, Enrique. **Autopercepción intelectual de un proceso histórico**: en búsqueda del sentido (origen y desarrollo de una filosofía de la liberación). [S.n.t]. Disponível em: <<http://www.ifil.org/dussel/textos/00/02autopercepcion.pdf>>. Acesso em: setembro de 2020.

DUSSEL, Enrique. **Enrique Dussel Filósofo**. Disponível em: <http://enriquedussel.com/Home_cas.html>. Acesso em: setembro 2020.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia de la Liberación**. México: EDICOL, 1977. 234 p.

DUSSEL, Enrique. **Introducción a la filosofía de la liberación**. Bogotá: Nueva América, 1995.

FERREIRA, Dami. **Capelania escolar evangélica**. 2.ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2011.

FERREIRA, Dami; ZITI, Lizwaldo Mário. **Capelania hospitalar cristã**: manual didático e prático para capelães. 2.ed. Santa Bárbara do Oeste: SOCEP, 2005.

GOHEEN, Michael W. **Introdução à cosmovisão cristã**: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. São Paulo: Vida Nova, 2016.

<https://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/02/franklin-ferreira-o-cristao-e-a-cultura/>. Consulta em 28 de fevereiro 2021.

<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>. Consulta em 28 de fevereiro 2021.

LEWIS, C. S. **O peso da glória**: mensagens para o homem moderno. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1993.

LISLE, Jason. **Guerra de cosmovisões**. Brasília: Monergismo, 2014.

MEISTER, Mauro. Cosmovisão: do conceito à prática na escola cristã. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 175 – 190, 2008.

MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. Formação integral do professor: aproximações teóricas para educação teológica. **Revista Via Teológica**. Vol. 19, nº 37, Jun/2018.

NASCIMENTO, Jeverson. Contribuição da Teologia para a História da Educação e Ciência. **Revista Via Teológica**. Vol. 20, nº 39, Jun/2019.

OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. Reflexões críticas sobre weltanschauung: uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisão numa perspectiva teo-referente. **Fides Reformata**. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 31- 52, 2008.

REGA, Lourenço Stelio. **Dando um jeito no jeitinho**: como ser ético sem deixar de ser brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

SIRE, James W. **Naming the elephant**: worldview as a concept. Downers Grove: Intervarsity, 2004.

SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. 5.ed. Brasília: Monergismo, 2018.

SOWELL, T. **Conflito de visões**: origens ideológicas das lutas políticas. São Paulo: Realizações, 2012.

VIEIRA, Walmir. **Capelania escolar**: desafios e oportunidades. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2011.